

DO QUILOMBO A UNIVERSIDADE:

experiência de mulheres quilombolas da comunidade de alto alegre no curso de pedagogia da unilab

FROM THE QUILOMBO TO THE UNIVERSITY:

experiences of quilombola women from the alto alegre community in the pedagogy program at unilab

Alexsandra Alexandre Amaral^{*}

Matilde Ribeiro^{**}

RESUMO

Este artigo analisa as trajetórias educacionais de mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre que ingressaram no curso de Pedagogia da UNILAB por meio de um edital específico. A pesquisa, de abordagem qualitativa e delineada como um estudo de caso, busca compreender os desafios enfrentados, as estratégias de resistência e permanência adotadas e os impactos sociais, pessoais e identitários decorrentes do acesso ao ensino superior. A partir de entrevistas semiestruturadas com duas estudantes e um egresso da universidade, evidenciam-se as múltiplas barreiras enfrentadas por essas mulheres, como o racismo, o sexismo e a exclusão territorial, e os caminhos construídos para superá-las. O estudo também ressalta a importância das políticas públicas afirmativas na promoção da equidade educacional e no fortalecimento do protagonismo quilombola no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas; Ensino superior; Resistência; Permanência; UNILAB.

ABSTRACT

This article analyzes the educational trajectories of quilombola women from the Alto Alegre community who entered the Pedagogy program at UNILAB through a specific affirmative action call. The research adopts a qualitative case study approach and aims to understand the challenges faced, the resistance and persistence strategies employed, and the social, personal, and identity-related impacts of accessing higher education. Based on semi-structured interviews with two students and a former student, the study highlights the multiple barriers these women face such as racism, sexism, and territorial exclusion and the paths they have built to overcome them. The research also emphasizes the importance of affirmative public policies in promoting educational equity and strengthening quilombola protagonism within academic spaces.

Keywords: Quilombola women; higher education; resistance; persistence; UNILAB.

Data de aprovação:

^{*} Graduada em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e graduanda em Pedagogia (UNILAB).

^{**} Prof^a Dr^a. Matilde Ribeiro (Orientadora) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

INTRODUÇÃO

A presença de mulheres quilombolas no ensino superior brasileiro representa uma conquista histórica e um movimento de resistência frente às múltiplas barreiras impostas pelo racismo estrutural, pelo patriarcado e pelas profundas desigualdades sociais. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), inaugurada em Redenção em 2010, com proposta de inclusão e valorização da diversidade, tem se configurado como um espaço estratégico de acesso e permanência para estudantes oriundos de comunidades tradicionais, como os quilombos.

Este trabalho busca compreender as experiências de mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre no curso de Pedagogia da UNILAB, evidenciando os desafios enfrentados, as estratégias de resistência adotadas e as transformações pessoais e coletivas vivenciadas a partir do ingresso na universidade. Ao narrar essas trajetórias, pretende-se contribuir com o debate sobre educação quilombola, justiça social e afirmação identitária no contexto acadêmico, destacando a importância de políticas públicas que garantam o direito à educação superior para populações historicamente marginalizadas.

A comunidade quilombola de Alto Alegre está localizada no município de Horizonte, na região metropolitana do Ceará. Horizonte é uma cidade com aproximadamente 75 mil habitantes, situada a 45 km de Fortaleza. É considerada um polo industrial em crescimento, e a comunidade quilombola de Alto Alegre encontra-se a cerca de 3 km do centro urbano da cidade. Apesar da proximidade geográfica, a comunidade enfrenta desigualdades no acesso a serviços básicos e políticas públicas que garantam condições adequadas de vida e educação.

A luta das mulheres quilombolas por uma educação de qualidade é antiga, marcada por resistência e mobilização. Foi por meio das reivindicações de docentes, estudantes e movimentos sociais que se concretizou a criação do edital específico para quilombolas e indígenas na UNILAB porta de entrada que possibilitou o ingresso das mulheres quilombolas retratadas neste trabalho.

A UNILAB em 2017 lançou o I Edital voltado aos quilombolas e indígenas. A partir deste edital foram aprovados seis estudantes quilombolas e cinco indígenas, todos no curso de Pedagogia. Esses estudantes passaram a ocupar um espaço de formação que se propõe a ser diferenciado, com uma educação voltada para a diversidade e que acolhe sujeitos historicamente excluídos do ensino superior.

É importante destacar que as políticas públicas voltadas para a população quilombola muitas vezes chegam de forma tardia e insuficiente. As mulheres quilombolas, em especial, seguem enfrentando processos de exclusão que as mantêm à margem da sociedade, limitando suas oportunidades de acesso à educação e à participação em espaços de decisão.

Sou uma mulher quilombola, mãe de Isadora e Isabela, filha de Maria de Fatima, sobrinha de Socorro, bacharel em humanidades, me formando em pedagogia e é de grande importância para mim e para os meus familiares essa graduação. Sou uma das primeiras quilombolas a cursar o ensino superior e espero contribuir com a educação para minha comunidade e retornar todo o conhecimento adquirido na academia para o meu quilombo.

Enquanto mulher quilombola, afirmo que nossa luta por educação e por espaços de poder é contínua. Nunca nos cansamos de reivindicar nossos direitos e de ocupar os lugares que historicamente nos foram negados.

Diante disso, esta pesquisa se justifica por buscar construir uma narrativa sobre a presença de mulheres quilombolas no ensino superior, com foco em suas vivências no curso de Pedagogia da UNILAB. A partir de suas trajetórias, pretende-se compreender: quais são os principais desafios, estratégias de resistência e transformações vivenciadas por mulheres qui-

lombolas da comunidade de Alto Alegre em sua trajetória no curso de Pedagogia da UNILAB?

OBJETIVO

Objetivo Geral

Compreender as experiências educacionais de mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre no curso de Pedagogia da UNILAB, analisando os desafios, as estratégias de resistência e permanência, e as transformações pessoais e coletivas decorrentes do acesso ao ensino superior.

Objetivos Específicos

- Investigar os principais desafios enfrentados por mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre em sua trajetória acadêmica na UNILAB.
- Identificar as estratégias de resistência e permanência utilizadas por essas estudantes para superar obstáculos sociais, econômicos e institucionais.
- Analisar como a vivência universitária contribui para a construção da identidade quilombola e fortalece o protagonismo feminino na comunidade.
- Refletir sobre o papel da UNILAB como espaço de inclusão e valorização da diversidade étnico-racial no ensino superior.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa, delineada como um estudo de caso, busca compreender o processo educacional de mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre, analisando os desafios enfrentados e as estratégias desenvolvidas para superar os obstáculos relacionados ao ingresso e à permanência no ensino superior. Investigar como essas mulheres acessam a universidade significa revelar como rompem com barreiras históricas impostas pelas desigualdades de raça, gênero e classe, construindo trajetórias marcadas por resistência, superação e transformação.

O estudo de caso, enquanto abordagem metodológica qualitativa, possibilita uma investigação aprofundada de fenômenos dentro de seus contextos reais. Em vez de buscar generalizações estatísticas, esta pesquisa se propõe a analisar as particularidades, os significados e as dinâmicas sociais envolvidas em experiências específicas — neste caso, as trajetórias das primeiras mulheres quilombolas a ingressarem no curso de Pedagogia da UNILAB por meio de edital específico. Para Robert Yin (2005, p.32), “o estudo de caso é uma investigação empírica que examina um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não são claramente evidentes”.

As narrativas dessas mulheres são fundamentais não apenas para compreender seus percursos de superação, mas também para traçar caminhos que inspirem outras mulheres quilombolas a sonhar com o acesso ao ensino superior. Suas trajetórias tornam-se referências de força, resistência e determinação frente a um sistema educacional ainda excludente.

A relevância deste tema se justifica pela necessidade de visibilizar e valorizar as experiências das mulheres quilombolas, que historicamente foram silenciadas e invisibilizadas nos espaços de poder, conhecimento e decisão. As desigualdades vividas por essas mulheres não são fenômenos recentes; estão enraizadas desde o período da escravidão, quando, mesmo exercendo papéis de liderança e organização nas comunidades, eram sistematicamente

deslegitimadoras. Seus saberes ancestrais, fundamentais na administração dos quilombos e na preservação das identidades culturais, foram historicamente marginalizados.

Assim, compreender e divulgar essas trajetórias é uma ação política e social que busca romper com a lógica histórica de exclusão e contribuir para o fortalecimento das lutas por reconhecimento, reparação e direitos. Nós, mulheres quilombolas, historicamente estivemos à margem da sociedade, mesmo exercendo papéis centrais como líderes comunitários e guardiãs de saberes. Romper com essa lógica de exclusão exige mais do que resistência: exige o acesso à educação, a efetivação de políticas públicas específicas e a garantia de direitos fundamentais. A luta pelo ensino superior é parte dessa longa caminhada coletiva em busca de justiça, reparação e autonomia.

Esta pesquisa nasce, também, de uma motivação pessoal profunda, enraizada na minha trajetória enquanto mulher quilombola que reconhece na educação uma ferramenta de transformação pessoal e coletiva. Vivencio os desafios de acessar e permanecer na universidade e, por isso, este trabalho é igualmente um gesto de visibilização e valorização das vozes de outras mulheres que, como eu, acreditam na educação como instrumento de emancipação.

Do ponto de vista social, a pesquisa pretende contribuir para o debate sobre a importância da presença quilombola no ensino superior, defendendo que esse direito seja efetivado por meio de políticas públicas inclusivas e reparadoras, que reconheçam as particularidades e potencialidades dessas comunidades.

No campo acadêmico, o estudo se insere nos debates sobre educação quilombola, relações étnico-raciais, pós-escravidão e estudos de gênero, buscando preencher lacunas na produção científica sobre a experiência de mulheres quilombolas no ensino superior. Trata-se, portanto, de afirmar a urgência de construir uma universidade mais diversa, equitativa e comprometida com a reparação histórica e a justiça social. A relevância do tema se confirma, assim, pela necessidade premente de ampliar a visibilidade acadêmica e social dessas experiências, fortalecendo políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam a equidade racial e de gênero.

REVISÃO DA LITERATURA

O ingresso das mulheres quilombolas no ensino superior tem sido um grande avanço para essa população, reflexo de muita luta e reivindicações, as mulheres quilombolas estão cada vez mais ocupando esse espaço, que antes não era possível. Graças às lutas do nosso povo, hoje podemos contar com essas mulheres nesses espaços, o que traz uma grande contribuição de saberes no espaço acadêmico.

A universidade tem muito a ganhar com a nossa presença, não é apenas ela que detém todo o conhecimento, pois nossa presença também traz conhecimento que adquirimos nos nossos territórios. Conhecimentos esse passado de geração em geração e que não se perde com o passar do tempo.

De acordo com autores como Santos (2022) e Almeida 2020, o acesso de populações quilombolas ao ensino superior tem sido historicamente limitado por barreiras estruturais, como racismo institucional, ausência de políticas públicas eficazes e distanciamento geográfico das universidades. A legislação voltada à educação quilombola, como o Decreto no 4.887/2003 e a Resolução CNE/CEB no 08/2012, busca garantir o direito à educação diferenciada, porém sua efetivação ainda é desigual.

Historicamente, as comunidades quilombolas enfrentam exclusão dos espaços educacionais formais. A implementação de políticas afirmativas, como o Processo Seletivo Específico para Indígenas e Quilombolas (PSE-IQ) na UNILAB, tem buscado corrigir essas desigualda-

des. Ferreira (2021) realiza uma etnografia sobre a luta quilombola por acesso e permanência no ensino superior cearense, destacando a importância dessas políticas para a inclusão efetiva desses grupos na universidade.

O 17º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará, realizado de 6 a 8 de outubro de 2017 no Quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, foi um marco na luta por acesso à educação superior para povos tradicionais. Durante esse evento, lideranças quilombolas, estudantes e professores da UNILAB discutiram a exclusão histórica dessas comunidades do ensino superior e a necessidade de políticas afirmativas específicas. Como resultado direto dessas discussões, a UNILAB lançou o Edital no 33/2017, que destinou 11 vagas no curso de Pedagogia para indígenas e quilombolas residentes no Ceará, sendo seis para quilombolas e cinco para indígenas.

Esse edital representou uma conquista significativa, ampliando o acesso de estudantes quilombolas e indígenas ao ensino superior e fortalecendo a presença desses grupos na universidade. A iniciativa foi fruto da mobilização coletiva e do diálogo entre as comunidades tradicionais e a instituição acadêmica, evidenciando a importância de espaços de escuta e participação ativa na construção de políticas públicas inclusivas.

A UNILAB tem adotado políticas afirmativas para promover o ingresso de estudantes quilombolas, incluindo reservas de vagas e projetos de extensão voltados para comunidades tradicionais. Estudos como o de Araújo e Silva (2021) mostram que, embora o acesso tenha aumentado, os obstáculos à permanência ainda são significativos, como dificuldades financeiras, racismo acadêmico e invisibilidade das questões de gênero e raça.

Pesquisas realizadas por Santos (2022) e Oliveira (2023) destacam que as mulheres quilombolas constroem trajetórias marcadas pela resistência, mobilizando redes de apoio, saberes comunitários e práticas culturais como forma de afirmação identitária e enfrentamento do racismo. Os relatos evidenciam não apenas os desafios, mas também a agência dessas mulheres na transformação do espaço universitário em um território de luta e pertencimento.

A literatura ainda aborda de forma geral os ingressos das mulheres quilombolas ao ensino superior, sem fazer um recorte de gênero ou raça, o que dificulta a compreensão de como esse acesso é negado a essa população.

A revisão dos estudos indica que a presença de mulheres quilombolas na UNILAB representa um avanço nas políticas de inclusão no ensino superior. No entanto, permanecem desafios importantes, especialmente relacionados à permanência, ao reconhecimento de saberes ancestrais e à superação do racismo institucional. O aprofundamento das pesquisas com enfoque interseccional é fundamental para o fortalecimento de ações afirmativas e de políticas públicas que respeitem a diversidade e os direitos das comunidades quilombolas.

Compreender a trajetória das mulheres quilombolas no ensino superior exige sensibilidade para reconhecer as múltiplas camadas de dificuldades que enfrentam. Muitas dessas mulheres precisam sair de seus territórios e se distanciar de suas famílias para cursar uma universidade, o que impõe desafios emocionais, simbólicos e logísticos que exigem grande preparo psicológico e afetivo.

Durante minha graduação, um dos maiores desafios foi justamente lidar com a distância da minha família e com a sensação de desamparo. As incertezas sobre o futuro e os medos que esse período desperta me tornaram insegura, pois nunca havia estado longe do meu território. Essa experiência, comum a muitos estudantes quilombolas, revela o quanto o ingresso no ensino superior representa não apenas um desafio acadêmico, mas um processo profundo de deslocamento geográfico e identitário.

O território quilombola é mais do que espaço físico é lugar de pertencimento, memória e construção coletiva de identidade. Segundo Ribeiro (), mulheres quilombolas vivenciam

um duplo desafio: adaptar-se ao espaço acadêmico, marcado por práticas institucionalizadas de exclusão, e manter os laços com suas comunidades de origem, que frequentemente enfrentam condições socioeconômicas precárias. Esse deslocamento produz efeitos emocionais e simbólicos profundos, que influenciam diretamente a permanência desses estudantes na universidade.

Essas dificuldades são agravadas pela fragilidade do apoio institucional. Muitas vezes, o único suporte disponível vem de bolsas e auxílios financeiros, os quais nem sempre são acessíveis ou suficientes. A ausência de suporte pedagógico e emocional evidencia a necessidade urgente de políticas públicas eficazes voltadas à permanência estudantil. Como destaca Santos (2016), ações afirmativas como cotas raciais e sociais, programas de assistência estudantil e valorização da cultura afro-brasileira são essenciais para garantir o direito à educação para populações historicamente excluídas. No entanto, essas políticas enfrentam barreiras institucionais, preconceitos e lacunas estruturais que comprometem sua efetividade.

Nesse mesmo sentido, Costa (2023) mostra que, embora o sistema de cotas tenha sido crucial para o ingresso de quilombolas no ensino superior, sua permanência é constantemente ameaçada por fatores como racismo institucional, falta de suporte acadêmico e dificuldades econômicas. A autora utiliza a perspectiva da interseccionalidade, conforme discutida por Kimberlé Crenshaw (2002), para evidenciar como as opressões de raça, gênero e classe se entrelaçam e impactam as vivências dessas mulheres no ambiente universitário.

A pesquisa de Antonio Jeovane Ferreira da Silva também contribui significativamente ao analisar as estratégias de luta e resistência do movimento quilombola em prol do direito à educação superior. Ele destaca a importância de políticas específicas, como o Processo Seletivo Especial (PSE), implementado pela UNILAB em 2017, que representou um marco no processo de inclusão de quilombolas e indígenas no ensino superior. Sua dissertação ressalta a necessidade de políticas que promovam não apenas o acesso, mas também a permanência e o sucesso acadêmico, garantindo condições reais de equidade e justiça social.

Em 2019, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) lançou o Edital no 25/2019, que previa um processo seletivo específico para estudantes quilombolas e indígenas, com o objetivo de preencher vagas ociosas nos cursos de graduação. No entanto, esse edital foi cancelado pela reitoria da universidade após um parecer da Procuradoria Federal junto à Unilab, que apontava possíveis irregularidades legais, especialmente no que dizia respeito à ausência de previsão legal clara na Lei de Cotas para a realização de um processo seletivo exclusivo para esses grupos.

A decisão de cancelamento gerou forte reação por parte da comunidade acadêmica, em especial de estudantes quilombolas e indígenas, que organizaram protestos, manifestações e ocupações nos campi da universidade. Os manifestantes criticaram a medida como um retrocesso nas políticas de inclusão e denunciaram a exclusão de populações historicamente marginalizadas do acesso ao ensino superior. Organizações da sociedade civil, lideranças políticas e entidades de direitos humanos também se manifestaram em solidariedade aos estudantes e em defesa da autonomia universitária para implementar ações afirmativas mais específicas.

Apesar das mobilizações e da pressão social, a Unilab manteve o cancelamento do edital naquele momento. No entanto, o episódio gerou um debate mais amplo sobre a importância da criação de mecanismos próprios de acesso ao ensino superior para povos quilombolas e indígenas. Como desdobramento, em anos seguintes, a universidade voltou a lançar editais específicos, tanto para graduação quanto para programas de pós-graduação, voltados a esses grupos. Isso demonstrou um avanço na consolidação de políticas afirmativas mais sensíveis à diversidade e às desigualdades raciais e étnicas no contexto universitário.

Já Ribeiro () propõe uma análise crítica da Lei de Cotas e de seus efeitos sobre a trajetória de estudantes negras e negros no ensino superior, especialmente quilombolas. Suas refle-

xões abordam tanto os impactos positivos dessa política quanto os desafios persistentes, como a resistência institucional, a precarização do apoio estudantil e a desvalorização dos saberes tradicionais afro-brasileiros. A fala de uma estudante quilombola, citada por Ribeiro, questiona: *“Por que os conhecimentos acumulados pelos quilombolas em relação à medicina herdada pelos ancestrais não são aproveitados? Quem cuida das mulheres pretas?”* Essa crítica revela a invisibilidade histórica imposta aos saberes ancestrais e reforça a urgência de construção de uma universidade plural, inclusiva e verdadeiramente democrática.

Os relatos de participantes da pesquisa de Ribeiro () também indicam que, para muitos desses estudantes, ingressar na universidade representa romper com um ciclo histórico de exclusão educacional. Em muitos casos, são as primeiras de suas famílias a acessar o ensino superior. Isso não apenas amplia seus horizontes pessoais e profissionais, como também gera impactos positivos em suas comunidades de origem. Mesmo diante das dificuldades estruturais e da precariedade de políticas de permanência, os depoimentos demonstram avanços importantes, como o aumento do número de estudantes quilombolas em universidades públicas e a construção de novos projetos comunitários a partir da formação acadêmica adquirida.

Ribeiro ([no prelo]) relata que estudantes indígenas, quilombolas e LGBT enfrentam diversas formas de exclusão e racismo institucional na universidade, o que compromete sua autoestima e permanência nos cursos superiores.

O processo de inclusão de estudantes quilombolas e indígenas na UNILAB sempre foi marcado por dificuldades e resistência, sendo comparado a “remar contra a maré”, o que evidencia o quanto essas ações desafiaram estruturas institucionais historicamente excludentes. Apesar das adversidades, importantes conquistas foram alcançadas ao longo do tempo, impulsionadas pelo apoio de docentes comprometidos e, principalmente, pela mobilização constante dos próprios estudantes quilombolas e indígenas, que pressionaram as estruturas de poder da universidade. Essas conquistas resultaram em ações institucionais inovadoras, que representaram avanços significativos no campo das ações afirmativas. No entanto, a partir do segundo semestre de 2019, esse processo sofreu um retrocesso abrupto, com a suspensão autoritária dos editais que garantiam o ingresso desses grupos na universidade. Essa interrupção representou um enfraquecimento das políticas inclusivas e um desafio à continuidade das lutas por equidade e diversidade no ensino superior.

Portanto, o referencial teórico utilizado nesta pesquisa evidencia que o ingresso e a permanência de mulheres quilombolas na universidade não devem ser vistos apenas como um processo individual, mas como um ato político de resistência frente às desigualdades históricas. Trata-se de afirmar o direito à educação, à memória e à existência plena desses sujeitos, promovendo a valorização de suas histórias, saberes e territórios.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, de natureza exploratória e descritiva, voltado à investigação da trajetória de mulheres quilombolas no ensino superior. A escolha por essa abordagem metodológica justifica-se pela necessidade de compreender, de forma aprofundada, um fenômeno específico inserido em seu contexto real.

De acordo com Yin (2005), o estudo de caso é uma investigação empírica que examina um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando as fronteiras entre fenômeno e contexto não são claramente definidas. Complementarmente, Stake (1995) enfatiza que o estudo de caso busca compreender a singularidade e a complexidade de um caso particular, valorizando sua riqueza descritiva e interpretativa.

Essa abordagem é especialmente indicada quando o objetivo não é a generalização es-

estatística dos resultados, mas sim a análise detalhada das experiências singulares, considerando as dimensões sociais, culturais, históricas e institucionais que compõem o objeto investigado. Além disso, conforme aponta Merriam (2009), o estudo de caso oferece flexibilidade na coleta de dados, permitindo a combinação de diversas fontes, como entrevistas, questionários, documentos e observações, o que contribui para uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno estudado.

O foco deste estudo recai sobre duas mulheres quilombolas da comunidade de Alto Alegre, Tatiane Ramalho e Marleide Nascimento, que foram as primeiras a ingressar no curso de Pedagogia da UNILAB por meio do edital específico voltado a quilombolas e indígenas. O objetivo é compreender os desafios enfrentados, os apoios recebidos, as estratégias de resistência e superação adotadas, bem como os impactos sociais, pessoais e identitários decorrentes do acesso ao ensino superior.

Como forma de ampliar o olhar, foi necessário também entrevistar Antonio Jeovane Ferreira, o primeiro estudante quilombola a entrar na UNILAB, natural do quilombo Alto Alegre. Foi através do olhar sensível de Jeovane que, ao observar a ausência de quilombolas na universidade, começou a tencionar o debate e posteriormente a criação do edital específico.

O estudo de caso, com ênfase na escuta sensível e na valorização das narrativas de vida das participantes, busca captar a complexidade de suas trajetórias. A coleta de dados será realizada por meio de questionários semiestruturados com perguntas abertas, abordando temas como o processo de acesso à universidade, os obstáculos vivenciados, a adaptação ao ambiente acadêmico, as resistências cotidianas e as transformações vividas após o ingresso na UNILAB.

A opção pelo estudo de caso qualitativo é especialmente pertinente quando se trata de populações historicamente marginalizadas, como as comunidades quilombolas, cujas experiências são frequentemente silenciadas nos espaços institucionais. Segundo Minayo 2012, às abordagens qualitativas são fundamentais para compreender fenômenos sociais em profundidade, priorizando os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos.

A análise dos dados será conduzida com base nos princípios do estudo de caso, que permite a identificação de categorias emergentes a partir dos relatos das participantes. Essa abordagem qualitativa, interpretativa e situada é orientada, conforme defendem Denzin e Lincoln (2006), por uma perspectiva que valoriza a construção social das experiências, a subjetividade e a multiplicidade de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção do trabalho apresenta os pontos chaves das entrevistas que foram feitas com um grupo previamente selecionado de homens e mulheres quilombolas, dentre os quais, apresentaremos com maior enfoque os relatos da Tatiana Ramalho e Marleide.

ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas no período de maio de 2025, com três estudantes da Unilab, de forma remota via whatsapp devido a questão da falta de tempo dos entrevistados. As perguntas foram semi estruturadas e contaram com seis perguntas fechadas, referente ao processo de escolarização e trajetória acadêmica. Jeovane Ferreira, relatou:

“Sou filho de uma mulher negra e de um pai desconhecido. Tive a oportunidade de conhecer minha mãe biológica somente por volta dos 11 ou 12 anos de idade, já que desde o primeiro dia de vida fui entregue para adoção. Meus pais adotivos são uma dona de casa e um agricultor, mas que em grande parte da vida trabalhou como pedreiro. Ambos não tiveram a oportunidade de atingir um nível de escolaridade que lhes permitissem ler e escrever com

fluência, principalmente meu pai que só escreve o próprio nome e com dificuldade. Desde que recorde, cresci com poucas condições financeiras, vivendo por incontáveis vezes dependente de doações e pequenas ajudas para ter o que comer e às vezes o que vestir, contando quase sempre com a solidariedade de alguém ou com a própria sorte. Experimentei, letra por letra, o sentido de ter só ar dentro do estômago (JESUS, 2007) e, assim como escreveu Carolina de Jesus em Quarto de despejo, aprendi desde cedo o significado de ter a fome como professora.”

Aqui, o entrevistado narra com profundidade sua origem marcada por abandono, pobreza extrema e ausência de escolarização por parte dos pais adotivos. Esse relato é fundamental para entendermos as estruturas de desigualdade intergeracional que atravessam a vida de muitos sujeitos quilombolas. A menção à obra de Carolina Maria de Jesus conecta sua experiência pessoal a um referencial literário e histórico da resistência negra no Brasil.

“Embora meus pais não tivessem tido oportunidades de obter uma escolarização adequada, sempre fui incentivado a ir à escola, pois essa seria a única herança que poderia ter e, a depender do esforço, essa seria a única chance para melhorar nossas condições de vida. Toda minha formação educacional ocorreu em instituições públicas de ensino, desde o pré-escolar até o ensino médio. Cursei os primeiros anos do ensino fundamental em uma escola no município de Pacajus/CE e como desde cedo compreendi que enfrentaria muitos obstáculos, busquei me engajar ao máximo para obter boas notas na esperança de alcançar um futuro melhor.

Cursei a maior parte do ensino fundamental na Escola Olímpio Nogueira Lopes, localizada no município de Horizonte. Essa escola possui particularidades ao atender a demanda educacional do Quilombo de Alto Alegre e apesar de não ter um modelo educacional alinhado à perspectiva da Educação Escolar Quilombola, aprendi sobre a importância do continente africano, entendi o papel dos heróis e heroínas negros e negras, bem como a luta secularmente travada pelo povo negro no Brasil. Esse foi um dos maiores aprendizados, pois passei a entender que a cor da minha pele era marcada por uma história que foi despedaçada.”

Apesar da ausência de uma educação escolar quilombola estruturada, Jeovane reconhece o impacto positivo de ter acesso a conteúdos relacionados à história e à cultura negra. Esse momento marca o início de sua consciência racial e é essencial para compreendermos como a educação pode ou não fortalecer a identidade quilombola.

“Durante os três anos que lá estive participei das Feiras de Ciências desenvolvendo projetos com foco no meio ambiente. Em uma dessas feiras construir em parceria com outros colegas um aquecedor solar feito com materiais recicláveis, o que nos rendeu o segundo lugar em uma feira regional de ciências, além de uma bolsa de estudos para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior – Ensino Médio (PIBIC/EM), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em parceria com a Universidade Estadual do Ceará (UECE).”

Aqui vemos como, mesmo em contextos adversos, oportunidades de iniciação científica surgem e abrem caminhos. A valorização de saberes científicos dentro da escola pública é um ponto positivo, que precisa ser mais acessível aos estudantes quilombolas e de baixa renda.

“No último ano do Ensino Médio, enfrentamos uma greve dos professores da rede estadual que durou quase um semestre. Naquela época, não me sentia preparado para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a porta de entrada para a universidade pública. Então, optei por tentar a seleção do Cursinho Pré-Vestibular oferecido gratuitamente pela Prefeitura de Horizonte. Depois de aprovado, voltei a sentir a mesma sensação de estar deslocado, apartado, conforme descrito por Du Bois (1990), por me ver como um dos poucos estudantes negros da turma, aquele que chegava atrasado devido à necessidade do transporte escolar público, que sentava no fundo e permanecia quase sempre em silêncio, passando despercebido por ali.”

Esse trecho evidencia os impactos das políticas educacionais precárias, como greves prolongadas, na trajetória de estudantes periféricos. Também destaca o racismo estrutural e o sentimento de não pertencimento que atravessa a experiência de muitos estudantes negros, mesmo em ambientes que supostamente promovem inclusão.

“Em 2013, fui aprovado no Bacharelado em Humanidades na Unilab [...] mudei para Redenção apenas com a mochila nas costas e um objetivo final. [...] não possuía nenhum recurso financeiro, nem mesmo para alimentação, quanto mais pagar o aluguel. [...] recebi a bolsa de estudos para custear moradia e alimentação no âmbito do Programa de Assistência ao Estudante (PAES). Conteí ainda com a ajuda de uma amiga da Guiné-Bissau que me emprestou 100 reais para comprar o básico, imprimir ou tirar cópia do material de estudo e sobreviver durante os primeiros meses.”

A entrada na Unilab representa uma conquista importante, mas revela também os desafios da permanência estudantil. Jeovane destaca a importância das bolsas e redes de solidariedade, inclusive com estudantes africanos como elementos centrais para a sobrevivência na universidade.

“Depois disso foi mais adaptação da universidade, com os estudos, os horários e como funcionava essa dinâmica da vida universitária e a ponto de questionar a ausência de sujeitos como quilombolas e indígenas e que mais tarde tornou minha luta de vida e das minhas pesquisas.”

A vivência universitária se transformou em campo de formação política. A ausência de representatividade e políticas públicas voltadas para estudantes quilombolas e indígenas desperta um olhar crítico, que vai se desdobrar em atuação acadêmica e militante.

“Em 2019, a maior parte dos estudantes quilombolas que ingressaram na universidade eram mulheres, eram 53%. [...] as mulheres estiveram à frente da luta, com a Ana Maria Eugênio da Silva, por exemplo, organizando os estudantes, fazendo uma mobilização. [...] direitos esses que no contexto da Unilab, são direitos que precisam ser afirmados cotidianamente, direitos aos povos tradicionais, quilombolas e indígenas.”

Jeovane destaca o protagonismo das mulheres quilombolas, tanto no ingresso quanto na militância estudantil. Essa participação ativa desafia estereótipos de passividade e reforça a ideia de que as mulheres quilombolas não apenas acessam a universidade elas a transformam.¹

RELATO DA TATIANA RAMALHO

Lembro que eu ia para a escola Batista antes mesmo da idade de começar estudar, por que minha meus avós maternos trabalhavam lá, minha avó era merendeira e meu avô que zelava aquele espaço. E minha mãe era professora então a escola foi um espaço que fez parte da minha primeira infância. Quando chegou a hora de começar a estudar, lembro que eu já sabia de algumas coisas, como O abc, algumas coisas de matemática por que a minha tia me ensinou. Lembro daquela época com muito amor, com muito carinho, por que assim foi o espaço escolar na minha infância, lembro da sala, era a única coisa ué tinha azulejo nas paredes e no chão, um quadro enorme verde, com alfabeto todo colorido, e Números de 0 a 10. As músicas que a professora cantava, meus colegas, os lanches. Na hora da merenda, fazíamos uma fila para lavar as mãos, tinha uma torneira no meio do terreno da escola onde todas as turmas iam pra lá, depois íamos pegar nosso lanche, que às vezes era ovo com farinha, mingau ou sopa. Na escola tinha um fogão a lenha onde as merendeiras cozinhavam nossa comida.

Nessa época lembro com grande afeto, a escola era dentro da comunidade e sempre via as pessoas entrando naquele espaço, pertencendo ao nosso espaço. E com isso eu me sentia segura de que ali era um lugar muito bom para ficar. Então esse período da minha escolarização foi um momento de muito aprendizado, de muita dedicação e aproximação com

outras crianças, foi onde vi que outras pessoas também podem nos ajudar, ensinar e cuidar de nós. Além de aprender o abc, os números, as músicas, e ter momentos de brincadeiras, eu enquanto criança tive uma experiência muito potente na escola.

Tatiana destaca uma infância marcada pelo afeto e pela inserção precoce no ambiente escolar, mediada por figuras familiares que atuavam na escola. O espaço escolar aparece como extensão da comunidade, um lugar de pertencimento e proteção. A memória afetiva positiva mostra como a escola, quando integrada à realidade e cultura da criança, pode ser um espaço de acolhimento e formação cidadã desde a primeira infância.

Trago esse relato porque fez parte desse processo da escolarização. Eu tinha boas notas, participava de atividades da escola, eu sempre fui uma boa estudante. Mas também tinha meus nomes de rebeldia quando um (a) professor(a) fazia algo injusto com meus colegas eu não ficava calada, às vezes sem fazer nada só porque eu defendia meus colegas era expulsa da sala juntos com eles. *Depois mudamos para outra escola fora da comunidade onde eu senti algumas diferenças, a primeira que a comunidade não estava tão próxima, então não tinha as pessoas ali dentro daquele espaço, além de ter outros professores e alunos, foi uma mudança grande. Foi quando eu senti pela primeira vez o que era o racismo, onde os outros “colegas” começaram a falar dos alunos que pertenciam ao Alto Alegre, que antes não sabíamos nossa história, mas na escola começaram apontar que aqui só tinha nego, fedorento e feios.*

Trago esse relato porque fez parte desse processo da escolarização. Eu tinha boas notas, participava de atividades da escola, eu sempre fui uma boa estudante. Mas também tinha meus nomes de rebeldia quando um (a) professor(a) fazia algo injusto com meus colegas eu não ficava calada, às vezes sem fazer nada só porque eu defendia meus colegas era expulsa da sala juntos com eles.

Ao sair da escola da comunidade e ingressar em um ambiente escolar externo, Tatiana vivencia uma ruptura com o sentimento de pertencimento. É nesse novo espaço que ela tem o primeiro contato direto com o racismo, o que marca profundamente sua trajetória educacional. A exclusão, os estigmas e a violência simbólica contrastam com a segurança vivida anteriormente e revelam a face estrutural do racismo no cotidiano escolar brasileiro. Ainda assim, ela se mostra resiliente, defendendo colegas e resistindo às injustiças. O tempo passou e saímos da escola, fomos para o ensino médio, nossa escola ficava em Queimadas, começou uma nova etapa, porém foi onde meu rendimento caiu muito, onde vivemos o racismo tanto dos outros alunos e dos professores, e passei por algumas perdas que mudaram minha vida, minha tia faleceu e deixou três filhos, e isso fez com que eu meu rendimento caísse muito e sete meses depois minha avó (que me criou) ela faleceu, eu tive vários problemas depois disso, fazendo com que eu desistisse da escola, dos meus estudos, faltando pouco para terminar. E depois de alguns anos eu tentei e consegui terminar meus estudos pela E.J.A.

A fase do ensino médio é marcada por um agravamento do racismo e por perdas familiares que geram impacto emocional e material, levando à evasão escolar. O relato revela como as desigualdades sociais, o luto e a ausência de apoio institucional podem inviabilizar a permanência na escola. A posterior conclusão dos estudos por meio da EJA mostra a importância de políticas educacionais inclusivas e da perseverança pessoal.

Quando eu parei de estudar, eu já estava no terceiro ano, faltava poucos meses para concluir. Porém não consegui continuar. Depois me inscrevi no E.J.A e foi outro processo difícil por que eu não conseguia ir para as aulas. Mas insistia, e até que aconteceu, conseguir terminar meu ensino médio, eu comemorei muito pela conquista. E logo em seguida fui me matricular na Estácio queria fazer serviço social, mas infelizmente não consegui ficar nem o primeiro semestre, por que não tinha recurso para pagar as parcelas. Trago todo esse relato resumido para apresentar uma pequena parte de tudo que envolveu meu processo de escolarização.

zação que vai muito além da escola, ela acompanha nossa vida fora da escola, que influencia diretamente nos nossos rendimentos. A escola foi espaço de amor e dor. Foi onde sofre e senti pela primeira vez o que era o racismo, que naquela época não fazia ideia disso, lembro de falas de professores que machucam até hoje, fala negativas sobre nossos futuros, pelo simples fato de sermos do Alto Alegre, por sermos pretos, eram falas de pessoas que nos faziam mal, enquanto para outros alunos eles elogiavam, e diziam que tinha grande futuro pela frente. A minha escolarização teve muitos fatores que influenciaram meus rendimentos e minha caminhada até a minha formação.

Quando eu parei de estudar, eu já estava no terceiro ano, faltava poucos meses para concluir. Porém não consegui continuar. Depois me inscrevi no E.J.A e foi outro processo difícil por que eu não conseguia ir para as aulas. Mas insistia, e até que aconteceu, conseguir terminar meu ensino médio, eu comemorei muito pela conquista. E logo em seguida fui me matricular na Estácio queria fazer serviço social, mas infelizmente não consegui ficar nem o primeiro semestre, por que não tinha recurso para pagar as parcelas.

Aqui Tatiana reflete de forma crítica sobre o percurso escolar, reconhecendo as estruturas que afetam o aprendizado e o acesso a direitos. O racismo institucional aparece como uma das principais barreiras ao pleno desenvolvimento. A tentativa frustrada de ingressar no ensino superior privado escancara o limite econômico que impede a continuidade da formação de muitos estudantes negros e quilombolas.

Um dia veio novamente o desejo de fazer uma faculdade e dessa vez me despertou o desejo da pedagogia por que eu estava trabalhando na associação e tinha as atividades com as crianças foi onde começou a brotar em meu coração o amor pela pedagogia. Foi uma grande realização da minha caminhada educacional. Como falei anteriormente eu tentei entrar na faculdade mas não tinha recursos suficientes para me manter. Um dia me despertou o desejo de fazer pedagogia e já estava articulando a minha matrícula na faculdade da minha cidade, já estava pensando como iria pagar, e lembro de um dia eu compartilhei esse desejo com Jeovane Ferreira e ele disse que eu ia entrar na UNILAB. Eu ri por que como que eu iria entrar numa universidade tão grande, uma universidade federal. Mas aconteceu. Tivemos várias articulações, conversas com os professores da universidade, participei de todas até chegar o momento de ver nosso lindo edital que foi construído por várias mãos. Os quilombolas e os indígenas foram à luta pelas primeiras vagas para entrarmos na universidade. E eu já tinha decidido que iria fazer pedagogia e o primeiro curso que abre para receber os quilombolas foi a pedagogia, Participei da seleção e passei em todas as etapas, foi um momento gratificante que me trouxe muitas realizações. Mesmo com as dificuldades enfrentadas no início, isso não foi capaz de nos parar. Entramos seis quilombolas e cinco indígenas. Nos unimos e começamos juntos a caminhada, Jeovane era nosso mentor mesmo trabalhando sempre que podia ele estava disposto a nos ajudar. A UNILAB foi uma grande realização educacional que me aconteceu.

A entrada na UNILAB é vivida como uma conquista coletiva, fruto de mobilizações políticas dos próprios quilombolas e indígenas. O relato revela como a criação de políticas afirmativas específicas foi essencial para garantir acesso e permanência no ensino superior. A figura de Jeovane como liderança e articulador fortalece a dimensão comunitária do ingresso na universidade, tornando o processo uma extensão da luta coletiva por direitos.

Desde quando coloquei os pés na universidade eu levei os meus ancestrais e toda a comunidade comigo. E eu utilizei tudo para fortalecer cada vez mais o meu ser quilombola, ter outras quilombolas comigo e ter as meninas indígenas foi fundamental, conseguimos nos proteger, nos acolher, essa conexão nos salvou muitas vezes e isso foi compartilhado com as meninas e meninos, com os quilombolas e os indígenas. Assim também como algumas professoras que foram fundamentais para esse processo, e os (as) colegas internacionais. Então

o acolhimento dos meus pares foi extremamente importante. E eu nunca virei as costas para minha ancestralidade e para minha comunidade, todas as vezes que eu estava na comunidade de alguma maneira eu contribuía isso para mim é algo fundamental. A utilizei a universalidade como mais um pilar de apoio para meu ser quilombola.

Nesta seção, a universidade é narrada como um espaço de fortalecimento da identidade quilombola. A presença de outros estudantes quilombolas e indígenas possibilitou uma rede de apoio e pertencimento fundamental para resistir às adversidades. Tatiana reafirma o compromisso com sua ancestralidade e comunidade, mostrando que sua trajetória acadêmica não é individual, mas coletiva e conectada à luta de seu povo.

Quando entramos tivemos algumas dificuldades, seja elas estruturais, de recursos para nos manter e a universidade não tinha um plano de atendimento de emergência. Mas os colegas iam nos ajudando. Foi um processo de muito aprendizado, muito imprevisto, imprevistos, mas seguiam firmes, em busca de aprender e equilibrar os desafios para seguirmos em frente.

Me formei em agosto de 2023. Foi um momento muito especial pra mim, finalizar uma etapa da minha vida, quando ainda estava na universidade através da disciplina literatura negras com a professora Jacqueline Costa, me acendeu um desejo pelas literaturas infantil negra, não sabia quanta diversidade tínhamos, daí se inicia um lindo projeto da minha vida, primeiro o nascimento de Cazuzinha, um menino quilombola, que conta com amor e respeito a história de nossa comunidade, compartilha com as crianças os saberes do nosso lugar, com o projeto saberes quilombola com cazuzinha. Além do nascimento dos projetos palavras e afeto no quilombo, grafias do quilombo e hoje estou feliz em retornar para comunidade e poder contribuir entre 2023 e 2024 fui coordenadora do Núcleo de promoção da Política de Igualdade Racial e atualmente estou como coordenadora do CRAS Quilombola. Muitas coisas eu aprendi no meu quilombo, no nosso dia a dia, a vivência que tive com meus mais velhos a experiência na associação de 15 anos de dedicação mim deram muitos frutos, e os saberes que adquiri na UNILAB foram um complemento importante para tudo que vem acontecendo na minha vida profissional.

A conclusão da graduação é marcada por conquistas que transbordam a universidade. Tatiana não apenas se forma, mas retorna ao território com projetos voltados para a infância, a literatura e a cultura quilombola, fortalecendo os saberes ancestrais e devolvendo à comunidade aquilo que a universidade pôde potencializar. Sua atuação atual em espaços institucionais mostra a articulação entre formação acadêmica e engajamento social.

RELATO DA MARLEIDE

“O processo de escolarização aconteceu quando eu morava na base e comecei a estudar na escola batista. e aconteceu primeiramente por professores não formados eles não tinham uma formação específica e foram momentos muito bons, o espaço escolar era muito acolhedor, que eram pessoas que inclusive tinham convívio diária no sentido de convívio familiar. Pra mim sempre foi libertador, desde que eu estava na igreja batista, eu me lembro e tenho na memória todas as vivências individuais e coletivas.”

Marleide começa seu relato valorizando o processo educativo informal e comunitário da infância, ressaltando o acolhimento e os laços sociais como elementos centrais da sua formação. Mesmo com a ausência de professores formados, o ambiente era rico de experiências coletivas e afetivas. A escola, nesse contexto, funcionava como extensão da vida familiar e comunitária, e o sentido de “libertação” aparece desde cedo associado à educação.

“Quando eu cheguei na Unilab, um dos fatos foi ingressar em uma universidade pública aos trinta anos, pra mim foi algo muito marcante a minha chegada. Quando eu cheguei na Unilab eu engravidei do Artur, e foi muito marcante. Eu pensei em desistir, tive o apoio do meu

companheiro, da Ana, por parte dos professores como a professora Eline Costa e a Jaqueline Costa, foi um momento muito difícil. Mesmo quando eu entrei na UNILAB em 2017, com 34, 35 anos, tem aproximadamente oito anos, quando eu cheguei na unilab, a gente viveu momentos muitos difíceis, eu queria trazer a referência do quilombo e eu escutava que nos trabalhos não poderia ser somente sobre os quilombos, que aquilo não era uma forma pedagógica de realizar as atividades e pra mim isso me incomodava muito, embora eu tivesse uma faculdade pois já sou formada em marketing pela a faculdade Estácio, eu senti muito quando cheguei a uma faculdade pública e imagine uma mulher grávida, uma mulher negra eu precisava trabalhar, era uma rotina muito pesada, eu trabalhava e fazia faculdade a noite, as vezes não conseguia ir em casa para ver meu outro filho que era o Raul e foi um processo bem árduo, mas pra mim foi de grande aprendizado.”

Neste trecho, Marleide apresenta as dificuldades vividas no ingresso à universidade: a maternidade, o trabalho, o deslocamento e o racismo institucional. Apesar de já ter uma formação anterior, seu saber foi deslegitimado, especialmente por tentar centralizar o quilombo como referência acadêmica. O apoio de pessoas específicas foi fundamental para que não desistisse. A experiência de ter que conciliar os estudos com a maternidade e o trabalho revela a sobrecarga vivida por muitas mulheres negras e quilombolas no ensino superior.

“Tiveram os momentos que a gente fez os embates, para que a gente não fosse os únicos a estarem naquele espaço, mas para que tivesse outros quilombolas nesse espaço, pois a gente brigou pelo edital específico, brigamos pelas cotas, as cinco, seis quilombolas que chegaram pelo edital específico foram criando pontes, conseguimos isenção no ru, garantir transporte. Eu trabalhava em Horizonte e morava na Pacatuba, mas mesmo assim às vezes eu ficava em horizonte e ia e vinha pra usar o transporte e garantir o transporte, era um transporte de quatro lugares, para os estudantes conseguirem continuar indo, para os estudantes não perderem o transporte. Tiveram momentos que a gente escutava de professores da UNILAB que a gente não tinha o conhecimento cognitivo, habilidade cognitiva para estar naquele espaço, tiveram muitos momentos difíceis, muitos.

Essa parte mostra o envolvimento ativo de Marleide na construção das condições materiais de permanência para os estudantes quilombolas na Unilab. A luta por transporte e alimentação foi coletiva, enfrentando resistências internas e discursos racistas. A denúncia da desqualificação intelectual dos estudantes quilombolas por parte de professores evidencia o racismo acadêmico, e a resistência a essas violências demonstra o quanto essas conquistas foram frutos de luta e solidariedade.

“Mas uma coisa que fica marcado na minha vida são os momentos de formação que são feitos quando os outros estudantes vão chegando, formação de base desses estudantes, trazendo a importância deles naquele espaço. Foram momentos difíceis, mas momentos potentes que ajudaram e ajudam hoje no movimento quilombola do estado do Ceará. Fica difícil dizer qual momento mais marcou minha chegada na unilab. Essa entrada não se deu pelo simples fato de fazer uma prova, foi a base de muita luta, começando no quilombola do Sítio Veiga, no décimo sétimo encontro das comunidades quilombolas, onde convidamos a unilab, na pessoa da Jaqueline Costa, professor Ivan Lima, o estudante Samora Caitano e o estudante Jeovane Ferreira, que estavam presente enquanto movimento e nós fizemos divisões no momento do encontro, onde colocamos lideranças de um lado a juventude do outro e um dos pedidos era que houvesse vagas para quilombolas dentro das universidades e aí a partir disso essas pessoas começaram a tensionar essas vagas na UNILAB e aí surgiu nesse mesmo ano o edital específico, onde tinha apenas seis vagas para quilombola e cinco pra indígena, onde eu tive a oportunidade de ingressar, onde a gente fazia uma prova na universidade, trazia o memorial onde nós descrevemos nossa trajetória enquanto quilombola.”

Marleide narra de forma detalhada a origem do edital específico para quilombolas, relacionando-o diretamente à mobilização no XVII Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas. Sua fala reafirma a centralidade do movimento social como força propulsora da mudança institucional. Ao enfatizar a formação de base, ela mostra o esforço contínuo de preparar novos estudantes para ocupar e transformar o espaço universitário.

“Então pra mim foi muito importante. um divisor de águas, eu sempre trabalhei na divisão do terceiro setor, mas sempre fui de luta de movimento social dentro da minha comunidade, mas quando eu ingresso na unilab eu começo a perceber que nao esta ali so por mim, mais pra garantir que outras viesse, permitir que outra pudesse ocupar, permitir ingressar e permanecer. Então foi pela permanência do povo quilombola dentro da universidade da UNILAB.”

Neste trecho, ela reflete sobre o sentido coletivo de sua presença na universidade. A Unilab se torna um novo território de luta, e sua trajetória pessoal se funde com o projeto político de inclusão e permanência do povo quilombola no ensino superior. A consciência do papel de abrir caminhos para outras pessoas é uma das marcas de sua militância.

“Uma das coisas que eu destaco como mulher quilombola é que a gente nunca desiste, que a gente nunca tá sozinha, quando entramos na unilab, nós não tínhamos transporte, e fomos nos, eu Tatiana Ramalho, Jeovane Ferreira, foram nos três que fomos lutar para termos o transporte e eu fico muito feliz de quando eu vejo que hoje nós temos um ônibus que leva mais de dez estudantes, e é importante ressaltar, quem estar à frente dessas lutas? Porque é muito cansativo, mas também é muito potente, importante e necessário, que a nossa luta não seja só uma luta de conveniência,, mas que a gente continue lutando independente de qualquer lado, mas que seja pelo bem comum.”

Marleide reforça o protagonismo das mulheres e lideranças quilombolas nas conquistas atuais, como o transporte coletivo. Ela questiona a continuidade das lutas e alerta sobre o risco da acomodação. A noção de “luta pelo bem comum” aparece como um princípio ético que deve orientar a militância mesmo diante do cansaço.

“Foram muitas violências sofridas dentro da unilab, uma das violências que mais me marcou, foi quando eu levei meu Arthur, ele era bebe, o artur precisava mama e eu precisa estudar e levei algumas vezes para unilab e eu ouvi dos professores que eu nao era pra trazer ele pois ele atrapalhava a aula. Aquilo pra mim foi muito adoecedor e você não poder amamentar sua cria é de uma violência tamanho.”

Esse é um dos trechos mais fortes do relato, em que Marleide denuncia uma violência de gênero e classe dentro da universidade. A maternidade negra e quilombola não é acolhida, e o direito de estudar é colocado em conflito com o cuidado com o filho. A experiência da negação do direito de amamentar dentro do espaço acadêmico revela o quanto as estruturas ainda são excludentes e desumanizadoras para mulheres como ela.

“Uma das grandes mudanças e conquistas é o que a gente tem hoje, temos mais de cinquenta estudantes quilombolas na UNILAB, temos em torno de dez estudante formados ou mal formados, hoje a gente conseguiu ter transporte escolar, temos o edital específico, embora tenha tido algumas mudanças mas conseguimos que nao fosse cortado, conseguimos garantir a bolsa permanência e pros alunos que chegam no primeiro momento a gratuidade do RU, conseguimos trazer visibilidade pro quilombos do estado do Ceará, no âmbito da saúde e da educação, conseguimos dialogar com outro municípios e escolas para discutir a educação escolar quilombola, levando formação escolar para os professores, conseguimos entrar dentro do grupo de pesquisa, que dialoga junto com a saúde quilombola, onde eu estou como pesquisadora, ana estar como pesquisadora, João do Cumbe como pesquisador, isso faz toda a diferença e também estamos na coordenação, uma parceria com os professores, como a professora Peti e o professor igor, estamos na coordenação de um curso que vai dialogar com a

formação de professores quilombolas e alunos, então tivemos muitos avanços, embora ainda precisamos avançar muito mais.”

Marleide encerra com uma visão ampla das conquistas coletivas mais recentes. O crescimento do número de estudantes quilombolas, os projetos de formação e pesquisa e as articulações políticas são apresentados como frutos concretos da luta coletiva. Ao mesmo tempo, ela reconhece que ainda há muito a ser feito, demonstrando uma consciência crítica e um compromisso permanente com o avanço do movimento quilombola.

ANÁLISES DOS RELATOS

Os relatos de Tatiana, Marleide e Jeovane revelam as múltiplas camadas de desafios e resistências vividas por estudantes quilombolas, com ênfase na trajetória das mulheres da comunidade de Alto Alegre. Atravessados por desigualdades estruturais de raça, classe, gênero e território, os relatos apontam para uma realidade em que o acesso à universidade é marcado por desigualdades históricas, mas também por estratégias de superação, solidariedade e incidência política.

Poder entrevistar essas mulheres foi de grande importância para evidenciar os desafios e as conquistas adquiridas por esse grupo. São relatos fortíssimos que servem de parâmetro para compreender essa realidade, onde contribuíram muito para um pensamento crítico acerca dos enfrentamentos ao longo do processo de ensino superior.

Jeovane é uma referência nos quilombolas, como exemplo de luta e superação, sendo o primeiro a ingressar na universidade e não ficando satisfeito por se vê só nesse espaço, reivindica a presença de outros quilombolas. Isso mostra o sentimento de coletividade, que estar presente na gente e que cada espaço de poder é significativo para nós. Nunca estamos sozinhos e sempre trazemos conosco a nossa comunidade.

Apesar de foco aqui ser as mulheres quilombolas do edital específico, não podemos de citar Jeovane Ferreira, pois foi através dele e de suas indagações que foi possível tensionar e se pensar o edital específico pra quilombola e indígena, visto que ele foi o primeiro a levar esses questionamento da ausência desse grupo na universidade.

É importante ressaltar que Jeovane e Marleide seguiram passos para a pós-graduação na UNILAB e em outras instituições de ensino. E Marleide representa a CONAQ na CADARA (importante comissão do MEC)

A comunidade de Alto Alegre aparece como espaço de resistência e referência identitária, ainda que, como apontado por Marleide e Tatiana, falte uma escola de educação básica que atende diretamente às demandas quilombolas. Isso reflete o que Nilma Lino Gomes (2017) chama de "direito à educação como direito coletivo", ou seja, a luta das comunidades negras pelo reconhecimento de seus modos de vida, saberes e práticas educativas. Gomes (2017) destaca que a escola pode tanto reforçar exclusões quanto tornar-se um espaço de valorização da identidade negra e quilombola quando comprometida com uma educação emancipadora.

Nos relatos de Tatiana e Marleide, é evidente a liderança feminina na busca pela escolarização, na organização das demandas por políticas públicas e na luta pela permanência na universidade. Jeovane também reconhece esse protagonismo, mencionando que mais de 53 mobilizações estudantis.

Essa presença ativa das mulheres reflete o que Lélia Gonzalez (1988) e Sueli Carneiro (2003) denunciam como a dupla opressão vivida por mulheres negras pela raça e pelo gênero, mas também aquilo que Achille Mbembe (2017) aponta como a força vital da resistência nas margens: o poder de organizar a vida mesmo diante da negação estrutural. Gonzalez e Carneiro revelam que as mulheres negras, e aqui podemos incluir as quilombolas, atuam como pilares comunitários e agentes de mudança social.

Nos três relatos, a educação aparece como um projeto familiar e comunitário. Mesmo sem ter frequentado a escola formal, os pais incentivaram os filhos e filhas a estudarem. Como afirma Jeovane, a educação foi a "única herança" possível. Isso ecoa a fala de Paulo Freire (1987), que via a educação como prática de liberdade: a possibilidade de sair do "lugar de não-ser", como também coloca Frantz Fanon (2008). Freire (1987) compreende a educação como instrumento de libertação e como caminho para romper com a opressão, especialmente para os sujeitos historicamente excluídos.

A Unilab, apesar de seu projeto inclusivo, ainda não garante plenamente as condições de permanência. Tatiana, Marleide e Jeovane narram as dificuldades com moradia, alimentação, transporte e o atraso no recebimento de bolsas. Esses relatos reforçam a ideia de que o acesso não é suficiente, é preciso garantir a permanência com dignidade. Como argumenta Givânia da Silva (2021), a educação quilombola deve ser pensada a partir das territorialidades, dos saberes tradicionais e das lutas por direitos das comunidades, indo além do acesso formal e assegurando condições reais de permanência e sucesso escolar para as populações quilombolas.

A UNILAB se torna espaço de formação crítica e de produção de conhecimento a partir da experiência quilombola. Tanto Tatiana quanto Jeovane mostram como suas pesquisas foram pautadas por suas vivências, e como essa trajetória fortaleceu sua consciência política e coletiva. Isso está diretamente relacionado com o pensamento de Michel-Rolph Trouillot (1995) e Achille Mbembe (2017), que denunciam a colonialidade do saber e afirmam a urgência de epistemologias que partam das experiências do Sul Global e de sujeitos racializados. Mbembe fala da "universidade como ruína colonial" e da necessidade de reinventar o espaço universitário a partir de sujeitos como os estudantes quilombolas, que desafiam a lógica excludente da modernidade.

A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) reconhece às mulheres quilombolas no ensino superior como agentes fundamentais na luta por direitos, preservação cultural e fortalecimento das comunidades. Elas são vistas como lideranças estratégicas que, ao acessar a universidade, contribuem para a construção de políticas públicas e para a valorização dos saberes ancestrais.

A CONAQ destaca que as mulheres quilombolas enfrentam múltiplas barreiras para acessar e permanecer no ensino superior, incluindo racismo institucional, desigualdades territoriais e falta de políticas públicas específicas. Apesar disso, elas têm ocupado espaços acadêmicos e se tornado referências em suas comunidades.

Iniciativas como a Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas, lançada pela CONAQ com apoio do Fundo Malala, visam fortalecer a educação de meninas quilombolas, promovendo sua formação cidadã e política. Segundo Givânia Maria da Silva, coordenadora da escola, a educação quilombola deve considerar o território e as particularidades de cada comunidade, formando lideranças conscientes de seus direitos.

Apesar dos avanços, a CONAQ reconhece que a manutenção de lideranças femininas nas comunidades é difícil, especialmente entre as jovens. A falta de incentivos para permanência nos territórios e a necessidade de buscar formação técnica e profissionalizante fora dos quilombos enfraquecem o vínculo com a comunidade e o sentido de pertencimento às raízes.

A CONAQ continua atuando para enfrentar esses desafios, promovendo políticas públicas que garantam o acesso e a permanência das mulheres quilombolas no ensino superior, valorizando seus saberes e fortalecendo suas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adesão das mulheres quilombolas ao ensino superior no Ceará ainda enfrenta grandes desafios, principalmente em razão da ausência de políticas públicas robustas e eficazes que ampliem o acesso dessa população historicamente marginalizada. Nesse contexto, embora a criação da UNILAB represente um avanço significativo na democratização do ensino superior, constata-se que, por si só, essa iniciativa não é suficiente para mitigar todas as barreiras enfrentadas por essas mulheres. Além disso, observa-se que os processos seletivos específicos para estudantes quilombolas ainda oferecem um número limitado de vagas, ao passo que os programas de bolsas permanência não contemplam a demanda real, deixando muitas estudantes sem o apoio necessário. Ademais, destaca-se como fator limitante a distância entre os campi universitários e as comunidades quilombolas, o que obriga essas mulheres a enfrentar longos deslocamentos, frequentemente em horários noturnos, expondo-as a riscos em estradas mal iluminadas no interior do sertão cearense. Diante desse cenário, a criação de polos universitários dentro ou nas proximidades das comunidades quilombolas poderia, portanto, ampliar significativamente as oportunidades de ingresso, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e familiaridade dessas mulheres com o ambiente acadêmico, contribuindo para desconstruir a percepção de que a universidade é um espaço inalcançável.

Dessa forma, conclui-se que o processo de inclusão da mulher quilombola no ensino superior avança de forma lenta, mas na direção certa. Para consolidar esses avanços, é essencial aprimorar os programas existentes e implementar novas políticas que ampliem o número de vagas, garantam apoio financeiro adequado e promovam a interiorização do ensino superior, tornando-o mais acessível e acolhedor para todas as mulheres quilombolas do Ceará.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Educação quilombola e políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2020.
- ARAÚJO, L.; SILVA, T. *Universidade e diversidade: trajetórias de estudantes quilombolas na UNILAB*. Fortaleza: Edições UNILAB, 2021.
- COSTA, A. R. (RE) *Afirmando direitos: uma etnografia da luta quilombola por acesso e permanência no ensino superior cearense caso Unilab*. Dissertação (Dissertação (Mestrado em Educação)) — Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: ONU Mulheres (Ed.). *Estudos feministas: textos fundamentais*. Brasília: ONU Mulheres, 2002.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA, A. J. da S. (Re) *afirmando direitos: uma etnografia da luta quilombola por acesso e permanência no ensino superior cearense – caso Unilab*. 163 p. Dissertação (Dissertação (Mestrado em Antropologia)) — Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Redenção, 2021. Acesso em: 04 maio 2025. Disponível em: <<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2968>>.
- MINAYO, M. C. d. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

OLIVEIRA, M. *Mulheres quilombolas na universidade: resistências e narrativas*. Salvador: EDUFBA, 2023.

RIBEIRO, M. *Tramas e trilhas das Políticas de Ações Afirmativas para a população negra no Brasil*. [S.l.]: Nova Práxis Editorial. (Coleção Temas Insurgentes). No prelo.

SANTOS, A. P. *Mulheres quilombolas no ensino superior: resistência, trajetórias e desafios*. *Revista da ABPN*, v. 8, n. 20, p. 141–158, 2016. Acesso em: 04 maio 2025. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br>>.

SANTOS, A. P. *Do quilombo à universidade: experiências femininas negras no ensino superior*. *Revista Educação & Território*, v. 7, n. 2, p. 34–56, 2022.

STAKE, R. E. *The art of case study research*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed.. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.